

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. ADRIANO BEIRAS

O foco de sua expertise nessa entrevista requer uma atenção especial, haja vista a dimensão que proporcionou o Dossiê “Mulheres, Saúde e Violência de Gênero” com tributos significativos dos estudos que o entrevistado está desenvolvendo em nível nacional e internacional. Nesse aspecto, é interessante conhecer a argumentação do Dr. Adriano Beiras.

RGA – Qual sua formação acadêmica atual e seu trabalho na UFSC?

AB – Sou Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC. Graduado e licenciado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Psicologia por esta mesma instituição [UFSC]. Doutor Europeu em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha (com Menção Doutor Europeu), revalidado pela UFSC, no Brasil. Fui pesquisador convidado pela Universidade Fernando Pessoa (UFP) – Porto, Portugal –, de 05/2011 a 08/2011. Atuo como Pesquisador Doutor do Núcleo de Pesquisas Margens (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero) do Departamento de Psicologia da UFSC, do Núcleo de Pesquisa em Psicologia Jurídica (NPPJ), do Departamento de Psicologia da UFMG e do Grupo de Pesquisas VIPAT (*Violencia en la Pareja y en el Trabajo*) do Departamento de Psicologia Social da UAB, em Barcelona, Espanha. Tenho experiência em diversos Projetos de Extensão Universitária e de Pesquisa, com ênfase em Psicologia Social, Jurídica, Comunitária e Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, família, mediação familiar, violências, masculinidades, saúde sexual e reprodutiva e sexualidades. Também sou Editor Coordenador da Revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, editada pela editora do Instituto Noos (SP). Realizei visita pós-doutoral de 3 meses (dezembro de 2012 a fevereiro de 2013), na Universidade de Brighton (*School of Applied Social Science, University of Brighton*), Reino Unido/Inglaterra e também na Universidade de Granada (Departamento de Psicologia Social), Espanha (novembro de 2013 a fevereiro de 2014, *Coimbra Group Scholarship Programme*). Realizei Pós-doutorado Junior (Bolsa PDJ-CNPq) no Departamento de Psicologia da UFSC (Fpolis- Brasil), de março de 2013 a julho de 2014. Fui Professor Visitante na Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Equador (Quito), em junho de 2014 e de 2015 e janeiro de 2016. Professor Visitante no Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP-USP (Ribeirão Preto) em abril de 2017. Professor Visitante na Universidad de Santiago de Chile - USA-CH (Bolsa de Intercâmbio Docente da AUGM), em outubro de 2017. Sou membro associado do *The Taos Institute*, USA (<https://www.taosinstitute.net/adriano-beiras>).

RGA – Descreva sua trajetória pessoal para inserção no campo de estudos de gênero.

AB – Tenho desenvolvido estudos neste campo desde 2003. Iniciei nos temas relacionados a direitos sexuais e reprodutivos de jovens, paternidade e masculinidades; posteriormente, segui para o tema de violências e masculinidades, focando no trabalho com homens autores de violência contra mulheres. Interessava-me, também, entender especificidades do trabalho com homens na clínica individual, casal e familiar, a parte das dinâmicas grupais. Meus estudos centram no doutoramento em Psicologia Social e também Psicologia Social Jurídica, sempre com recorte de gênero.

RGa – Quantos anos tem? Fale um pouco sobre sua rede afetiva que ajuda a dar suporte para realizar seu trabalho cotidiano.

AB – Em 2018, completei 37 anos. Minha rede afetiva está espalhada por diversos locais, nacional e internacionalmente. Construí vínculos com colegas de diversos Estados no Brasil e em outros países como Espanha, Portugal, Equador, México, Reino Unido, entre outros países que pude visitar e tecer diálogos de pesquisa e aprendizados vários. Penso que, quando fazemos o que gostamos e de forma comprometida e implicada, tudo se torna mais fluido e as relações se consolidam de outra forma, fortalecendo parcerias, trocas e aprendizados coletivos. Mas, em especial, Florianópolis concentra muitos afetos. Motivo pelo qual voltei para a UFSC e para o grupo de pesquisa Margens (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero).

RGa – Comente sobre as influências pessoais e profissionais, ao longo de sua formação acadêmica, que o inspiram e integram seu grupo de pesquisador.

AB – Penso que o comprometimento ético e político com a mudança social e uma sociedade mais justa, equitativa em termos de gênero, raça, etnia e justiça social, me motivam a estar na área de Psicologia Social e buscar âmbitos da Jurídica e dos estudos de psicologia clínica que mantenham estes posicionamentos e diálogos com o social.

RGa – Descreva as atividades de cooperação nacional e internacional que desenvolve.

AB – Tenho buscado desenvolver diálogos, manter diálogos com pesquisadores da Espanha, Portugal e Reino Unido, assim como Equador e Chile, na América Latina. Nosso grupo tem recebido professores visitantes e realizado cotutelas de doutoramento também eventualmente. No entanto, com a realidade política atual do nosso país, tem sido um enorme desafio manter cooperações e propor projetos integrados efetivamente. Tenho voltado, também, à rede de diálogos entre as universidades federais dos diferentes Estados do país, consolidando parcerias de pesquisa e publicações.

RGa – Qual a fundamentação epistemológica de seu trabalho?

AB – Tenho me centrado em teorias feministas pós-estruturalistas e de perspectiva crítica, estudos de gênero e masculinidades, teoria da complexidade e construcionismo social. Interessa-me muito os estudos de narrativas e análises discursivas. Os estudos decoloniais e de interseccionalidades, assim como a criminologia crítica, têm influenciado, também, significativamente nossas pesquisas.

RGa – Apresente sua compreensão acerca da gênese e manutenção da violência entre parceiros íntimos.

AB – Entendo a violência como algo complexo que não pode ser reduzido a fatores de causa e efeito ou perspectivas reducionistas e simplistas. Há diversos fatores que influenciam. É também uma forma de violação de direitos e de resolução de conflitos, infelizmente, comum em nossa sociedade. Na relação entre parceiros íntimos, envolve diversos fatores relacionais, relações de poder, diferenças de gênero, entre outros aspectos que devem ser vistos de forma micro e macrossocial.

RGA – Faça um balanço dos estudos sobre masculinidades.

AB – Há um desafio para os estudos de masculinidades na atualidade. Penso que necessitamos avançar teórica e epistemologicamente para além dos estudos consolidados sobre masculinidade hegemônica, pensando nos desafios propostos pelas teorias de sexualidades, teoria *queer*, estudos decoloniais e interseccionalidades. A interface com a teoria feminista, penso, deve ser constante e as críticas feministas precisam ser acolhidas e refletidas criticamente para pensarmos juntos como promover uma sociedade equitativa, com direitos iguais entre homens, mulheres e também para aqueles que não se identificam com nenhuma destas categorias. Precisamos avançar nos estudos voltados à saúde do homem, paternidades, violências, juventudes, transexualidades, violências urbanas e também refletir sobre os efeitos de ações neoliberais e da política atual e conservadorismos no âmbito da reflexão sobre as masculinidades contemporaneamente. Caminhamos para uma desconstrução da categoria do masculino/masculinidades ou para uma redefinição? Quais são os efeitos das transformações atuais neste campo? Como implicamos homens para equidade de gênero e empatia para o que sentem as mulheres em suas vivências subjetivas nesta sociedade ainda hostil para elas em diversos âmbitos? Como ir muito além de ações de sensibilização? O que podemos aprender com os estudos feministas? Como a psicologia social e os estudos de gênero na psicologia podem contribuir ou barrar a busca da equidade de gênero, respeito a diversidades e no acolhimento do diferente, abjeto, subalterno? São diversas questões que nos motivam a seguir.

RGA – Quais as fronteiras para o enfrentamento da violência entre parceiros íntimos?

AB – Precisamos lutar pela conscientização e desnaturalização de atos de violência em nossa sociedade, buscar outras formas de resolução de conflitos, desenvolver conhecimentos sobre as dinâmicas familiares e conjugais. Precisamos de ações de prevenção em nível micro e macrosocial, desenvolvimento de redes de apoio local e comunitário. Precisamos de ações efetivas com autores de violência que busquem reparação, assistência social e transformação da dinâmica relacional, para além de ações de penalização, patologização e criminalização. Precisamos avançar em políticas nacionais que promovam e consolidem grupos reflexivos sobre gênero com homens autores de violência, ações de prevenção com jovens homens e mulheres. Precisamos refletir sobre o manejo de emoções e as influências de gênero. É necessário também fazer frente a preconceitos e julgamentos morais que impedem profissionais de atuar adequadamente neste campo e barram ações e políticas de gestores no campo.